

OS IMPACTOS DA BANALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Solange Carvalho*

Resumo: Em plena era da informação, o homem reflete cada vez menos. Ele absorve informação sem se debruçar sobre ela para fazer uma análise crítica e sugerir mudanças. As pessoas não encontram tempo para refletir sobre a veracidade das informações e seguem repassando-as. Recebem mensagens de autoria duvidosa, sem questionar sua credibilidade. Qual o impacto dessa tempestade de informação no mundo? Receber e passar informações é estar de fato bem informado, ao ponto de suscitar uma “tempestade de ideias”? O mundo civilizado está em crise, com barbáries noticiadas na mídia. Até que ponto esses conflitos são percebidos com a gravidade que lhes é própria? Haverá uma mobilização da sociedade para que se reflita e se encontre uma solução? Fizemos essa indagação há um ano, quando idealizávamos esta pesquisa, mas hoje a estamos vivenciando. Em busca de responder a essas indagações, realizamos uma pesquisa a fim de provar que, a partir da banalização da informação, nunca foi tão fácil manipular. Para tanto, utilizamos o método “de-superficialização”, com análises estruturais de elementos que revelam aspectos subjacentes e implícitos em alguns links postados que foram repassados sem a observância de data, autoria etc., e analisamos as motivações para tal atitude, se por ingenuidade, ou mesmo por questão de poder. Esse artigo se presta ao interesse de todos os internautas que manipulam e são manipulados por informações *on-line*.

Palavras-chave: Facebook. Compartilhamento. Manipulação midiática.

Abstract: In the age of information man reflects less and less. He absorbs information without leaning over it to make a critical analysis and suggest changes. People do not find time to reflect on the veracity of the information, but keep on sharing them. They receive messages of dubious authorship, without questioning their credibility. What is the impact of this storm of information in the world? To receive and pass information is actually being well informed, to raise a point of "brainstorming"? The civilized world is in crisis, with atrocities reported in the media. Are these conflicts perceived with due severity? Will there be a mobilization of society to reflect and find a solution? In order to answer these questions we conducted a survey to prove that from the triviality of information, manipulation has never been so easy. We used the method of “di-superficialization”, with analyzis of structural elements that reveal underlined and implicit aspects in some links that were passed without compliance date, authorship, etc., and analyzed the reasons for such an attitude, if for ingenuity, or even for the sake of power. This article is interesting to all Internet users who manipulate and are manipulated by online information.

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Revisora linguística na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Professora de Português da Universidade do Vale do Acaraú (UVA). Professora de Sociolinguística na Faculdade Luso-Brasileira (Falub).

Keywords: Facebook. Sharing. Media manipulation.

Introdução

Em tempos de tecnologia e mundo em rede, em que o acesso à informação é livre, o homem parece refletir cada vez menos, pois ele absorve informação sem se debruçar sobre ela para fazer uma análise crítica e sugerir mudanças. Devido ao intenso fluxo de informações, as pessoas não encontram tempo para refletir sobre sua veracidade, e seguem repassando-as. As mensagens recebidas são, muitas vezes, de autoria duvidosa e ainda assim compartilhadas sem que se questione a sua credibilidade, conforme observado na análise de nossos dados.

Que tipo de impacto essa tempestade de informação vem causando no mundo? Receber e repassar informações é estar de fato bem informado, ao ponto de suscitar uma “tempestade de ideias”, e dali encontrar um caminho? O mundo civilizado está em crise, com barbáries noticiadas na mídia. A indagação maior, feita há um ano, quando já idealizávamos a realização deste estudo, foi a seguinte: Haverá uma mobilização da sociedade para que se reflita e se encontre uma solução? Hoje já temos a informação de que a sociedade se mobilizou no mês de junho deste ano. Cabe ainda indagar, contudo, diante da eficiência das redes sociais, que conseguiu a adesão de milhares de pessoas sob a frase emblemática “vem pra rua!”: Será que as pessoas que aderiram à manifestação de fato refletiam sobre cada mensagem recebida e compartilhada nas redes? Houve algum tipo de manipulação?

Em busca de responder a essas indagações, realizamos uma pesquisa com o fim precípuo de investigar se, a partir da banalização da informação de notícias compartilhadas no Facebook, durante o período de mobilização social, há um jogo de manipulação envolvendo a Geração Conectada (geração C).

Iniciamos nossa discussão afirmando que a relação espaço-tempo foi quebrada, tornando o homem escravo da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Evidencia-se a inexistência de barreiras para que a comunicação se concretize. As redes sociais são a prova disso. No virtual, as pessoas interagem a qualquer momento em tempo síncrono e assíncrono, independente do local. Em atenção à quantidade de informação que circula pelo mundo, em questão de segundos, com notícias que envelhecem de um dia para outro, passamos a refletir algumas indagações: Até que ponto a comunicação em rede se presta à difusão do conhecimento? Qual o nível de profundidade das informações que circulam na Internet pelo

mundo inteiro? Há que se considerar que permanece na rede uma quantidade maciça de informações incipientes, noções preliminares de dado conteúdo, e ainda assim essas informações são veiculadas e disseminadas em massa. Muitas dessas informações são boatos, porém, será que o internauta - a chamada geração C - constata a veracidade da informação antes de repassá-la? É possível que ele considere isso desnecessário, deixando essa tarefa para os destinatários os quais, por sua vez, a repassam sem que haja tempo para o devido processamento cognitivo do conteúdo.

Temos em mãos, ou melhor, na tela de nossos computadores, a informação. Isso não significa, no entanto, que estamos de fato informados. Seria preciso mais que isso para alcançar o potencial de avaliadores críticos do conteúdo recebido e igualmente repassado sem reflexão. Com base nessa constatação, temos uma hipótese segundo a qual afirmamos que estamos diante de uma relação de manipuladores e manipulados e que, a partir da banalização da informação, nunca foi tão fácil manipular.

Nosso objetivo é apresentar o grande paradoxo que se instaura em tempos de tecnologia, quando as informações veiculadas nas redes sociais, sobretudo no Facebook, parecem não levar os usuários à reflexão, mas à condição de manipulados. Para tanto, selecionamos alguns *links* postados e que foram repassados sem a observância de data, autoria etc., e analisamos as motivações para tal atitude, se por ingenuidade, intencionalmente ou por questão de poder.

Esta pesquisa se presta ao interesse de quaisquer leitores virtuais que vitimam e são vítimas desses textos que repassam informações obsoletas e até inverdades sobre pessoas e fatos, alimentando um sistema de autoria duvidosa.

Fundamentação Teórica

Breve repasso dos impactos da revolução tecnológica

Os grandes problemas por que passaram os escritores da antiguidade, como falta de papel, tinta, e mesmo de espaço para reproduzir o que lhes ia pela mente, não atingem os novos produtores digitais. Segundo Castells (2006), todas as sociedades foram impactadas pela revolução tecnológica, e esse impacto leva a mudanças. O quantitativo de usuários que acessam as redes cresce paulatinamente, conforme registrado por Xavier (2011, p. 29). O

percentual de crescimento chega a 1,9 bilhões de usuários que acessam as redes em seu cotidiano.

A necessidade de expressar sentimentos e opiniões e de registrar experiências e direitos nos acompanha desde tempos remotos. Para otimizar a comunicação entre seus semelhantes, o homem criou um tipo especial de tecnologia: a "tecnologia de inteligência". Conforme afirma Kenski (2011), a base da tecnologia de inteligência é imaterial, ou seja, ela não existe como máquina, mas como linguagem.

A produção industrial da informação trouxe uma nova realidade para o uso das tecnologias da inteligência em profissões cujo foco é a Tecnologia de Comunicação e Informação (TIC); nestas profissões a interação é também ponto de entretenimento.

O avanço tecnológico nos últimos anos fez surgir novas formas de uso das TIC e a disseminação de novos caminhos de acesso a informações, à interação e à comunicação em tempo real, ou seja, no momento em que o fato acontece, no caso, a interação *on-line*.

A mais antiga forma de expressão, a linguagem oral, é uma construção particular de cada agrupamento humano. Por meio de signos comuns de voz, que eram compreendidos pelos membros de um mesmo grupo, as pessoas se comunicavam e aprendiam. A fala possibilitou o estabelecimento de diálogos, a transmissão de informações, avisos e notícias.

A sociedade contemporânea está inserida em um processo de integração das instituições sociais, porém marcada pelo discurso hegemônico conforme os postulados de Fairclough (1990; 2001). Sabe-se que as condições da prática discursiva, de acordo com Fairclough (2001), podem apresentar aspectos sociais e institucionais que envolvem produção e consumo de textos. Daí a sociedade ser repleta de um contingente público de manipuladores e manipulados. Essa visão crítica relaciona a Análise do Discurso e a sociedade: Há características da sociedade capitalista moderna que se refletem na ordem dos vários discursos que por ela transitam. Essas sociedades são marcadas por um alto grau de integração das instituições sociais para manter a dominação das elites, tendo este fato sua correspondência no discurso (CARVALHO, LINS, WANDERLEY, 2011).

Essas autoras corroboram Fairclough quanto à supremacia de um estrato social sobre outro, cuja dominação é legitimada no discurso e por ele, ou seja, o poder manipulador da classe dominante sobre a outra. Pode-se particularizar esse poder de manipulação entre os atores sociais. Houve uma época em que a comunicação de massa era suficiente em termos de alcance do público-alvo das respectivas instituições. Na sociedade contemporânea, porém, o

baixo grau de audiência vem comprovando a ineficácia dessa mídia. A hegemonia da Rede Globo, por exemplo, teve seu auge, segundo Tavares (2011, p. 216), devido ao apoio à Ditadura Militar; contudo, com a globalização, não houve como conter o processo fragmentador das audiências para atender aos interesses diversificados.

Em tempos de tecnologia, o pensamento é libertado da obrigatoriedade de memorização permanente, pois as tecnologias dispensam as formas de armazenamento essenciais. Assim, os acontecimentos podem ser registrados, disponibilizados em rede e compartilhados.

Análise do Discurso X Análise Ideológica

A partir da leitura de *Arqueologia do Saber*, de Foucault, Pêcheux redefine o conceito de Formação Discursiva (FD), acrescentando o conceito de Formação Ideológica (FI). Afirma que a FD é “atravessada pela FI”, definindo a FD como: Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Sobre a FD, Eni Orlandi se posiciona a seguir: em relação à Formação Discursiva, podemos compreender o funcionamento discursivo dos diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes (ORLANDI, 1999, p. 44). A autora informa que, para Pêcheux, o sentido é metafórico, ou seja, é realizado por substituição, paráfrase, relações sinonímicas.

Segundo Pêcheux, o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar de modo que se revestem de um sentido. Ainda segundo este autor, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório (ORLANDI, 1999, p.44)

Quanto à relação entre língua e discurso, Michael Pêcheux entende a língua como um sistema sujeito ao processo discursivo: “como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história.” (PÊCHEUX apud ORLANDI, p. 80).

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa é do tipo exploratória, de abordagem qualitativa. É exploratória, pois à medida que mergulhamos nos dados, eles podem nos levar a novas percepções da realidade. Optamos por uma abordagem qualitativa, uma vez que os dados coletados não foram controlados estatisticamente.

O método a ser utilizado será o chamado “de-superficialização”, proposto por Orlandi (1999), que é uma análise do material linguístico, ou seja, seu aspecto sintático, como processo de enunciação, bem como a demarcação do sujeito no discurso. As técnicas de análise são as observações das formações imaginárias do sujeito na superficialidade do texto que corresponde à materialidade linguística. Assim, os vestígios deixados pelo sujeito enunciador e o eixo discursivo.

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavra, ideias e coisas (ORLANDI, 1999, p.66)

Optamos por considerar as Teorias discursivas Análise do Discurso (AD) propostas por Pêcheux (1980) e viabilizadas por Orlandi (1999) e Análise Crítica do Discurso, na perspectiva de Fairclough (2009), no que abrange a questão ideológica das relações de poder.

No caso da AD, o objetivo precípuo de utilizá-la como instrumento analítico é melhor compreender os sentidos das informações perpassadas pelos internautas, uma vez que essa teoria viabiliza a investigação e permite descrever as condições de existência de determinado discurso ou enunciado. Numa análise dos momentos em que se produzem os discursos observa-se o jogo de poder.

A Análise do Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’ mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o sabe. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. Todo enunciado, dirá M. Pêcheux, é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos (ORLANDI, 1994, p. 59).

Essa autora trabalha com a questão da desconstrução da ideia de que “o que foi dito só poderia ter sido dito da maneira a qual foi enunciado” (ORLANDI, 1999, p.65), ou seja, não há neutralidade em ciência. Para a análise discursiva há que se considerar “o que foi dito” em outras condições de enunciação, pois nos diferentes contextos os enunciados resgatam suas memórias discursivas – estas também podem ser observadas através de paráfrases, metáforas e sinonímias, pois o processo de escolhas lexicais também indicará o repertório discursivo do sujeito enunciator resgatando, assim, uma memória discursiva. A observação do modo de estruturação dos enunciados, o modo pelo qual se esboçam os diferentes gestos de leituras, também comportam registros da orientação discursiva do sujeito.

Procedimento para a coleta de dados

O universo amostral da pesquisa que integrou o corpus foram textos extraídos de postagens de discussões temáticas no Facebook que foram repassadas possivelmente sem reflexão uma vez que essas informações foram compartilhadas sem aferição da veracidade dos dados, a saber: auxílio-reclusão, Boato Bolsa-família, Lula condenado? Vandalismo. Uma técnica de coleta eficiente utilizada para a coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada com roteiro previamente elaborado, com perguntas abertas. Para análise e interpretação dos dados coletados organizamos os dados em fases: pré-análise, exploração do material; tratamento dos resultados (inferência e interpretação) e associação de palavras e ideias.

Os sujeitos da pesquisa foram dez profissionais com diferentes perfis, faixa etária e graus de escolaridade e de letramento digital distintos. Dez profissionais diversificados (1 jornalista, 28 anos; 2 advogadas, 24 e 44 anos; 1 estudante de direito, 26 anos; 1 técnica em enfermagem, 49 anos; 2 professoras de nível médio, 33 e 42 anos; 1 farmacêutico, 23 anos; 1 administrador, 38 anos, 1 ambientalista, 49 anos). Essa diversificação de variáveis (formação e faixa etária) respalda a amostra em que os internautas se utilizam das redes sociais para interagir, recebendo e repassando informações, além de aquilatar o nível de informatividade. Assim, trata-se de um quantitativo representativo para uma amostra aleatória, com representantes de atuação social diversificada. Para a preservação de identidades dos informantes, utilizamos a letra do alfabeto I, seguido do número arábico referente ao informante.

Para facilitar a análise formal das discussões, levantadas em rede sobre as informações que foram possivelmente disseminadas sem reflexão, por serem boatos, já desmentidos e que ainda continuam em circulação, separamos por temas, por meio das marcas textuais e daí inferimos o não dito a partir dos aspectos subjacentes e implícitos. O tratamento dos dados, porém, não foi realizado por meio de programas computacionais, mas manualmente pela própria pesquisadora.

Assim, a análise dos dados, pela perspectiva metodológica da Análise do Discurso, levou em consideração os múltiplos significados das intenções dos internautas ao repassar a informação sem a devida confirmação da veracidade dos fatos, em que o contexto da comunicação deve ser objeto de investigação.

Análise dos dados

Foram analisadas as marcas discursivas presente nos textos compartilhados no Facebook, além dos textos extraídos dos informantes entrevistados. Apresentamos a seguir alguns recortes das falas de tais informantes:

Sobre a questão da reflexão sobre as informações recebidas e repassadas em rede:

As pessoas não refletem o quanto deviam... é mais prático repassar. Levando em consideração o quantitativo de informação, não dá para absorver tudo. Pra ter informação demais não me preocupo com isso, no momento que eu preciso eu vou lá e busco. Está na memória. (I 7 – Ambientalista, 45 anos)

Eu mesma sou uma daquelas pessoas que abre, lê superficialmente e encaminha para as pessoas que penso que vão se interessar como me interessei inicialmente, mas não tanto ao ponto de ler o texto inteiro... mas sei que as pessoas que eu encaminho podem ler todo, pois tem mais a ver com elas do que comigo. É uma questão de afinidade, de impacto inicial. Claro que às vezes posso me enganar e estar passando algum boato, já que não tive tempo de provar os fatos. Quando venho saber que não era bem aquilo, é tarde, já enviei. (I 3 – Estudante de Direito, 26 anos)

Eu não perco o meu tempo. Vejo o título, e se não me interessa, nem abro, já delete. Somente repasso quando é do meu interesse pessoal. O tempo é que me falta na verdade. Há um bombardeio de informações e não podemos sair refletindo tudo... por isso eliminamos pelo tema e pelo tamanho da mensagem, se for muito grande, nem leio. (I 4 – Farmacêutico – 23 anos)

Como podemos inferir das falas acima, confirmando nossas pressuposições iniciais, não há reflexão devida (I 4), e quando há, muitas vezes é rápida e superficial, como disse o informante I 3.

Ainda sobre o a reflexão das informações que circulam nas redes sociais:

São tantas informações que a gente não tem tempo de processar. Um exemplo de que as gerações que povoam as redes sociais não são tão alienadas como pensávamos foi esse movimento recente que envolveu uma enorme quantidade de brasileiros em prol de melhoria da aplicação da gerência do dinheiro público. Não há desrespeito à autoridade, mas um posicionamento. Isso pode ser dado o mérito à interação nas redes sociais. (I 8 – Administrador, 38 anos)

Não gosto de me expor em redes sociais. Detesto o que as pessoas fazem no Facebook. Expõem suas vidas... a interação que eu vejo é somente de futilidades. Tem os grupos de estudos, mas quem tem tempo para isso? Esse Facebook é um ladrão de tempo... é um vício na vida do cidadão. Poderia ser usada produtivamente, mas o mundo real não permite...a não ser que você não faça mais nada nessa vida senão viver no mundo virtual. (I 4, Farmacêutico, 23 anos)

Todos os segmentos da sociedade estavam nas ruas reivindicando uma melhor representação do povo nas instituições políticas mostrando com isso que não se pode radicalizar e dizer que não há reflexão das informações passadas no mundo virtual. (I 8 – Administrador, 38 anos)

Há um consenso geral quanto ao bombardeio de informações que transitam nas redes e, portanto há uma dificuldade de reflexão, como reflete o Informante 9.

Questionada se considerava as redes sociais um excelente meio de interação e de oportunidades de enriquecer os conhecimentos, a enfermeira respondeu que sim:

Sim. De certa forma, sim. De interação tudo bem, de conhecimento não exatamente, pois muita gente utiliza as redes somente para trocar informações fúteis. Muita gente nas redes sociais compartilham banalidades. Claro que sempre aprendemos coisas novas uns com os outros, mas muitos fazem do Facebook o seu diário, se expondo e nada acrescentando de conhecimento. Me aborreço e não curto as postagens dessas pessoas, nem compartilho assunto sem futuro. (I 6 – Enfermeira, 49 anos)

Podemos inferir das palavras da enfermeira que as informações que ela considera banais não são formas de conhecimento. Possivelmente o conhecimento a que ela se refere seja o conhecimento científico, comprovado por experiência.

Quanto ao jogo de manipulação midiático, em relação à mobilização social articulada em rede, no mês de junho do ano letivo, algumas opiniões se dividem:

A mídia se rendeu ao poder maior da Web 2.0. Os internautas têm agora autonomia e se mobilizam à revelia da mídia, logo questiono o poder manipulador da Rede Globo, por exemplo (I 8)

Sempre vai haver na sociedade manipuladores e manipulados... sei que tem pessoas que nem sabem porque estão no movimento das ruas, mas certamente não são apáticos aos acontecimentos. (I 7 – Ambientalista)

Não há mais segredos políticos. Tudo é revelado em segundos nas redes sociais, sobretudo no Facebook que vem se tornando a grande rede de comunicação. (I 6 – Professora de História do Nível Médio)

A maioria dos entrevistados corrobora o sentimento de que a mídia é manipuladora, mas no que tange ao poder da internet, como reflete o Informante 8, há que se considerar que as articulações em rede independem dessa manipulação midiática. A geração conectada, que envolve várias faixas etárias, é consciente da banalização da informação em termos de acessibilidade, de sua rápida disseminação nas redes, de que não há segredos que não possam se revelar (Informante 6), porém não se refere à sutileza da manipulação. Essa geração considera-se quase livre desse poder de manipulação midiático.

Sobre o conceito de “bem informado” na era da informação:

Bem informado é você conseguir formar opinião do que você recebe, mas isso não acontece sempre. Também não podemos desprezar a possibilidade. A gente precisa estar bem informado... acabou a ideia daquele intelectual que sabia muito sobre uma coisa e nada sobre o restante... é importante ter essa diversidade de informação para se relacionar, conviver com o mundo sem interferências de manipuladores. (I 7 – Ambientalista)

A vida é dinâmica, as informações, as transformações sociais. Não se pode limitar o conhecimento aos conteúdos formais e científicos. O conhecimento é mais amplo... ele vem de todos os lados. Ser bem informado é também conhecer um pouco de tudo, ou muito de assuntos variados e não nos limitarmos aos conteúdos engessados da instituição escolar (I 8 - Ambientalista, 49 anos)

Reconheço que o comodismo é como uma doença. A gente se acomoda com o que a vida ensina e perde o ânimo de lutar por mais. Eu me conformo com o pouco que tenho e o pouco que sei, porém entendo que é preciso estar bem informada do que acontece ao nosso redor. As redes sociais são excelentes:: é uma verdadeira escola de conhecimento, pois sempre aprendemos coisas novas uns com os outros. (I 6 – Enfermeira)

A informante 6 reconhece o poder das redes sociais sobre o seu comodismo de ir buscar informações em outras fontes virtuais. Segundo afirma, é conformada com o pouco que tem, e esse conformismo se estende ao pouco que sabe e à inércia diante de um mundo de informações. Sobre isso, os informantes 7 e 8 corroboram, de certa forma, o que a enfermeira diz sobre o comodismo, mas por um outro viés, pois, segundo eles, a informação está lá, no virtual, e a qualquer momento, conforme as suas necessidades, eles vão lá e buscam-na.

O informante 7 chama atenção também para o principal aspecto da análise em questão: a pluralidade das informações. Estar bem informado é, grosso modo, enxergar todas as informações, ter acesso a elas, mas sempre se atinando ao controle que existe por detrás delas – diga-se por isso atinar-se ao próprio discurso; à “manipulação” do outro sobre o fato ocorrido.

O comodismo apontado por ambos revela, de fato, dois aspectos latentes na contemporaneidade quanto ao manuseio da informação: o desinteresse pela fonte da informação (trazendo para discussão a questão da autoria e da confiabilidade dela) e a desmotivação ao acesso (muitos sabem onde achar a informação confiável, mas não se prontificam a isso). Isso pode ser considerado reflexo do ritmo do mundo atual, em que o poder da informação, muitas vezes, necessita modular-se a 140 caracteres ou apenas a uma única oração. O comodismo talvez seja o gerador da banalização da informação.

Em atenção ao conceito de ser “bem informado”, questionamos algumas pessoas se elas se consideram bem informadas:

De certa forma sim. Poderia ser mais, pois o espaço ao meu redor...a vida não me permite ter uma dinâmica de maior entendimento. O computador é uma ferramenta excelente de conhecermos sobre as coisas, sobre as pessoas, sobre o mundo, tudo isso através da internet. Eu confesso que busco muito fofocas de famosos, resumo de novelas, gosto da seção de entretenimento, e ninguém pode dizer com isso que não sou informada...agora ser “bem informada” já é outra coisa, não é em quantidade de informação...penso, é na qualidade científica da informação. Ser bem informado é estar a par dos acontecimentos de perto e de longe. Estar bem informado é estar em afinidade com os acontecimentos mais sérios que ocorre no Brasil e no mundo: Assuntos relacionados à política e à economia. Então, não sou bem informada, por não me aprofundar em assuntos políticos e econômicos. (I 6 – Professora de história do Nível Médio, 41 anos)

Eu mesma pesquiso tudo referente à minha área. Busco informações sobre a saúde. O Google na minha opinião é um cérebro genial, uma vez que é um buscador eficaz em termos de disponibilizar aos internautas as informações mais variadas, claro algumas possivelmente com superficialidade, conforme a profundidade da pesquisa. (I 5 – enfermeira, 49 anos)

O que parece um contrassenso não passa de uma posição. A professora E6 é bem informada, ao que parece, em assuntos que para muitos são considerados banais, no entanto, ela mesma compartilha do entendimento geral de que ser bem informado não é acumular informações, não é conhecer uma variedade de temas de maneira superficial. Há que se estar aprofundado em assuntos que possam trazer alguma transformação social para que tal indivíduo seja por ela considerado “bem informado”.

O único que aponta o “senso crítico” como parte de estar “bem informado” é o informante 7.

Sobre a questão da evolução do conhecimento a partir das novíssimas tecnologias:

Tudo começou com um brinquedo. O monstro criou forma [referindo-se ao facebook], hoje não se tem como detê-lo. Não há como segurar a informação... a

anarquia é também um processo organizado, dinâmico... não precisamos de ninguém para nos governar. Não sei o nível de amadurecimento que as pessoas têm, mas por si só é uma revolução. (I 7 – Ambientalista, 48 anos)

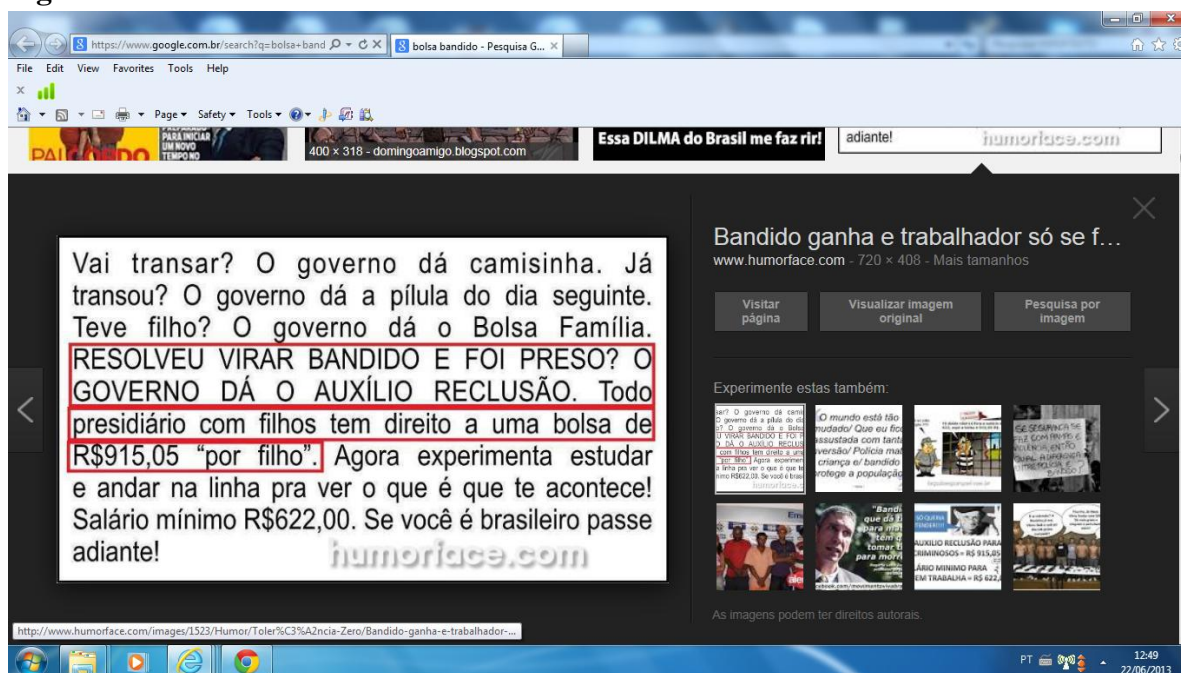
É preciso participar para ser bem informado, do contrário você fica neutro...sem poder analisar, interagir...Não há desculpa, em plena facilidade de interação já que existem as *lan houses* para quem não tem computador...falta interesse das pessoas. (I 10 – Pintor letrista, 60 anos)

Os informantes 7 e 10 consideram a relevância do acompanhamento da evolução tecnológica no mundo em rede, compreendendo que não há volta, uma vez que a interação virtual é um processo sem volta em relação ao Facebook. O ambientalista (Entrevistado 7) destaca o crescimento dessa rede social quando explicita que chegou a uma proporção que não se esperava. Segundo ele os usuários podem se organizar sem necessitar de controle. Entendemos, contudo, que ele parece desconsiderar o poder manipulador da grande mídia.

Sobre as discussões temáticas, vejamos: 1. Auxílio-reclusão. 2. Boato Bolsa-Família 3. Lula condenado? 4. Vandalismo.

1. AUXÍLIO-RECLUSÃO

Figura 1



Nota: RESOLVEU VIRAR BANDIDO E FOI PRESO? O GOVERNO DÁ AUXÍLIO RECLUSÃO. Todo presidiário com filhos tem direito a uma bolsa de R\$915,05 “por filho”. [Transcrição da publicação selecionada]

Diferente do que é difundido entre o senso comum na *Internet*, o auxílio-reclusão é um auxílio previdenciário pago somente ao se o titular for segurado da previdência social, ou seja, não é todo preso que tem direito ao auxílio-reclusão. Além de que, quem recebe esse auxílio não é o preso e, sim, sua família, tendo objetivo de sustentar a família do trabalhador, contribuinte do INSS, que por algum motivo foi preso. O trabalhador que contribui com o INSS, está pagando um seguro para garantir uma renda quando ficar idoso, doente, vir a óbito ou mesmo for preso. Aposentadoria, auxílio-doença, pensão por morte e auxílio reclusão não é o governo quem paga, mais o próprio trabalhador, ele mesmo que custeia seus benefícios previdenciários. Ademais, diferente do que se costuma afirmar, o auxílio-reclusão não é R\$915,05, esse valor é, na verdade, o teto do último salário que o trabalhador poderia ter recebido para que a família tenha direito, ou seja, os valores variam e podem chegar até esse valor, de forma que se o salário do trabalhador superar esse teto, mesmo tendo contribuído, ele não terá direito ao auxílio-reclusão. Esse benefício, portanto, é devido, apenas, às famílias de baixa renda, cujo chefe familiar que era trabalhador e contribuía com o INSS, porventura vá preso. (I 2 – Advogada-OAB/2012)

A advogada é bem explícita em seu texto quando rebate que o auxílio-reclusão não é o que se diz (R\$915,00), mas varia conforme o salário que o detento recebia e sobre o qual contribuía antes de ser preso, com isso comprovando a nossa hipótese do repasse da notícia sem a devida reflexão.

Isso é um forte indicador de que houve a ação de manipuladores, principalmente para questões políticas, como essa em questão. Isso pode ser decisivo para o descrédito de um ato político. É observado que o discurso utilizado pelo autor, apesar de não ser demarcado linguisticamente, ainda fornece vestígios que permitem resgatar traços de sua formação ideológico-discursiva, tem marcas que remontam ao discurso utilizado por aqueles que são opositores às medidas de inclusão social do governo petista. Afirmações como “o governo dá” são massivamente utilizadas por aqueles que veem o governo Lula como “financiador da pobreza” no país.

2. Boato bolsa-família

Figura 2

The image shows a screenshot of a forum post on the UOL Jogos website. The forum title is "Fórum UOL Jogos - Papo-cabeça". The post title is "Ta rolando um boato que o bolsa familia vai acabar, minha empregada está preocupada". The post is from a user named "Torcedor do Borussia Dortmund" and contains a message about a rumor regarding the Bolsa Família program and a fear of the PT party. The message text is: "Ela disse que se acabar nunca mais vai votar no PT, apesar de não votar no PT estou preocupado, tenho medo dela pedir aumento se o governo cortar o benefício 😞". The user's signature is "Filho de pai alemão e mãe finlandesa, nascido e criado no Brasil".

Em torno do boato intensamente compartilhado no meio digital sobre o fim do programa Bolsa Família, ratificamos nossa hipótese sobre a manipulação midiática em questões que envolvem programas do governo, levando ao descrédito de grupos manipulados como foi o caso dos que acreditaram no boato.

3. Lula condenado

Figura 3

ACABEI DE CONFERIR E O LULA REALMENTE FOI CONDENADO E A IMPRENSA BRASILEIRA BLINDOU A INFORMAÇÃO
 (https://www.facebook.com/#!/hashtag/lula?fref=ts)
 Confira o processo na Justiça Federal:
<http://processual.trf1.jus.br/consultaProcessual/processo.php?secao=DF&proc=78070820114013400>
<http://processual.trf1.jus.br/consultaProcessual/processo.php?secao=DF&proc=78070820114013400>

Conferimos no site do TRF que o processo foi suspenso e não foi decretada a condenação. Eis mais uma comprovação de que as pessoas compartilham informações sem aferir a veracidade dos fatos. Ao utilizar um argumento de autoridade quando manda conferir o processo na Justiça Federal, o autor do texto ganha credibilidade e a falácia corre o país,

quando na verdade o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva não havia sido condenado quando “a imprensa brasileira blindou a informação”. Nesse caso, observa-se que o argumento utilizado pela oposição (ao governo petista) geralmente se fundamenta também no ataque contra a imprensa, que, segundo eles, é uma máquina publicitária do próprio governo petista. Tal fato exprime-se na informação já destacada (“a imprensa brasileira blindou a informação”).

O movimento popular que está ocorrendo no momento, no Brasil, vem levando as pessoas a divulgar nas redes sociais mensagens de veracidade questionável sobre o ex-presidente Lula e também sobre a Presidenta Dilma, como ficou explícito nessa mensagem analisada. As pessoas não têm critério algum ao “compartilhar” tais mensagens. Não verificam se as informações são verdadeiras ou não e não refletem sobre seu conteúdo. Falavam até em *impeachment* para Dilma. Que falta de critério é esse? Um movimento, uma luta por uma causa não significa tirar o presidente/dirigente eleito de um país.

É preciso saber reivindicar, contudo isso só é possível para as pessoas “bem informadas”, não em quantidade de informações, mas em condições de refletir mudanças.

4. Vandalismo

Figura 4



Figura 4



Nota: A maioria das "depredações" não se tratam de "patrimônio público", como **os jornalistas insistem em repetir** para tentar nos hipnotizar e colocar o povo contra o povo. O que vi hoje na TV sendo quebrados foram câmeras de vigilância das ruas (que **simbolizam a sociedade do controle**), pedágios de avenidas (que simbolizam a violência da **privatização**), bancos (que simbolizam a violência da desigualdade econômica), ônibus (que simbolizam a **tortura** cotidiana dos trabalhadores), carro de emissora de TV (que simbolizam a **mídia** antidemocrática, imbelicilizante e **manipuladora**) e imóveis do governo (que simbolizam aqueles que promovem nossa opressão). [Transcrição da publicação selecionada] (grifo nosso)

A grande questão observada nas manifestações não está relacionada à identificação dos conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou no fato de sua prática científica ser acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. “O problema não é mudar a ‘consciência’ das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade” (FOUCAULT, 2009).

As palavras grifadas na nota de transcrição do *status* do Facebook revelam marcas de um discurso de oposição não só ao governo, mas a todas as instituições que endossam e promovem a corrupção no país. Os ataques não revelam uma fonte de formação discursiva clara nem definem uma posição de neutralidade, pois como já se viu, não há neutralidade quando se trata de discurso. Os vestígios discursivos sugerem que o sujeito enunciativo possui uma ideologia política de centro-esquerda, isto é, consegue vislumbrar possibilidades de efetivação de políticas públicas sem que necessariamente assumam um fundamento partidário. Isso é perceptível pela amplitude de visão desse sujeito sobre os problemas sociais.

O problema é o regime (político, econômico, institucional) de produção da verdade e não a mudança de consciência das pessoas. É necessário dissociar o poder da verdade das formas hegemônicas socioculturais e econômicas onde ela funciona no momento.

A questão maior a ser analisada é sobre se as pessoas que estão nas manifestações têm mesmo a consciência de que estão participando de um movimento político-ideológico ou estão ali motivadas por uma revolta com a situação política e com os políticos para desabafar que todos são corruptos, ou para dizer que não aguentam mais trabalhar tanto. Será que não estão pensando apenas em suas questões pessoais? Um ponto forte de análise é refletir se os manipuladores, ou seja, aqueles que querem desestabilizar o governo se aproveitam dessas redes virtuais para também divulgarem suas mensagens de oposição, não aquelas políticas, mas as falácias sem comprovação.

Conclusão

Este estudo preliminar sobre a banalização da informação e o jogo de poder que perpassam as mensagens que circulam na internet apresentou uma discussão sobre a informação recebida e repassada entre possíveis manipuladores e manipulados. O foco da pesquisa foram os textos compartilhados no Facebook.

Uma das conclusões a que se chegou foi que as mensagens são compartilhadas sem reflexão, uma vez que, por não se atestar a veracidade dos fatos, repassam inverdades e boatos.

Também foi demarcada a distinção entre estar e ser bem informado. Em plena era da informação é natural que sejamos submetidos a um bombardeio de informação, por conseguinte, as pessoas não têm tempo disponível para refletir, pois sempre que precisam elas vão buscar as informações que estão no virtual, à espera de uma consulta. O problema é tempo para isso. As pessoas preferem acreditar no que se coloca em circulação sem a devida conferência das informações e, por confiarem, encaminham e compartilham.

A oposição ao governo aproveita-se dos “mal informados” e despolitizados ou apolitizados, os chamados “papagaios de pirata” (que somente repetem, sem saber o que dizem) para compartilhar falsas informações e minar o poder estabelecido e atuante, tentando forçar, no caso atual, um *impeachment* sem cabimento, tentando com tal atitude levantar antigas bandeiras, a exemplo do movimento “fora o comunismo”. Cabe dizer que por trás da

mobilização das massas via internet é possível que esteja a elite representada pela grande mídia induzindo tais “desavisados” a agir em favor dos interesses da chamada classe dominante da sociedade.

Por fim, é fato que a informação corre a uma velocidade impressionante. Poderá o homem estar e ser bem informado? Qual é a diferença? A esse acesso, chamaremos processamento? No uso, a informação passa de tela em tela, de postagem em postagem, em um verdadeiro jogo de passa e repassa; Chamaremos a isso reflexão? Como julgar se há reflexão no suporte digital? Os interesses são múltiplos e diversificados; o que é caro para alguns é banalidade para outros. Caberia uma análise mais aprofundada e um maior controle dos dados para chegarmos a conclusões mais precisas.

Este estudo, embora preliminar, pode contribuir para deixar a geração C mais atenta ao jogo de manipulação midiática e também incentivá-la a refletir mais ao receber uma mensagem, atentando para a veracidade dos fatos, pesquisando a fonte, a credibilidade da autoria, a data e outras informações importantes antes de repassá-la.

Referências

CARVALHO, Nelly; LINS, Rebeca; WANDERLEY Kássia. In: XAVIER, Antônio Carlos. Lévy, Pierre et al. *Hipertexto & Cbercultura*. Links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. São Paulo: Rêspel, 2011.

CASSELLS, Manuel. A revolução da tecnologia da informação. In: *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 698p.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. 2 ed. New York: Longman, 1990.

_____. FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2008.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

XAVIER, Antônio Carlos. LÉVY, Pierre et al. *Hipertexto & Cibercultura*. Links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. São Paulo: Rêspel, 2011.

LIMA FILHO, Dirceu Tavares. Avaliação de *feedback* nas Redes Sociais. In: XAVIER, Antônio Carlos. LÉVY, Pierre et al. *Hipertexto & Cibercultura*. Links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. São Paulo: Rêspel, 2011.